

Os meus encontros com Stáline (II)

Enver Hoxha

1979

Segundo encontro

Março-Abril 1949

A nossa posição face à direcção jugoslava ainda durante a guerra. O I Congresso do PCA. Política de terror no Kosovo. A propósito das divisões jugoslavas que deviam ser enviadas à Albânia. Os titistas pretendiam mudar a situação na Albânia. A propósito da guerra do povo irmão grego. As posições erradas da direcção do PC da Grécia. Os ingleses põem como condição para reconhecerem a Albânia o estabelecimento de bases militares nos nossos portos. O caminho do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. Acerca da situação do nosso campesinato. Da história, da cultura, da língua e dos costumes do povo albanês.

Voltei a Moscovo a 21 de Março de 1949, chefiando uma delegação oficial do Governo da República Popular da Albânia. Aí permaneci até 11 de Abril.

Esperavam-nos no aeroporto Mikoian, Vichínski, etc., além de todos os representantes diplomáticos dos países de democracia popular.

O nosso primeiro encontro oficial foi com Vichínski, logo no dia seguinte à nossa chegada e, a 23 de Março, às 22 horas e 5 minutos, fui recebido no Krémilin pelo camarada Stáline, em presença de Vichínski e Tchuvakine, embaixador da URSS na Albânia. Acompanhavam-me Spiro Koleka e Mihal Prifti, na época nosso embaixador em Moscovo.

O camarada Stáline recebeu-nos cordialmente no seu gabinete. Cumprimentou-nos um a um e depois parou à minha frente e observou:

«— *«Acho-o mais magro. Tem estado doente? Ou está cansado?»*

«— *Pelo contrário, estou muito contente por o ver de novo*», respondi, e, uma vez sentado, disse que desejava colocar-lhe algumas questões.

«— *Com todo o gosto, estou ao seu dispor o tempo que for preciso*», disse-me, solícito, que lhe falasse de tudo o que julgasse necessário.

Expus então ao camarada Stáline uma série de assuntos. Falei-lhe, em termos gerais, da situação do nosso partido e do país, dos últimos acontecimentos, dos erros detectados, da nossa posição sobre a questão jugoslava. Contei-lhe que a influência da direcção trotskista jugoslava sobre a direcção do nosso partido e a confiança excessiva que alguns dos nossos dirigentes depositavam na direcção jugoslava traidora tinham estado na origem de erros graves, sobretudo na linha de organização do partido, como foi constatado pelo 11.º Plenário do Comité Central do Partido Comunista da Albânia, cujos trabalhos decorreram à luz das cartas do Comité Central do Partido Comunista da URSS (bolchevique), dirigidas ao Comité Central do Partido Comunista da Jugoslávia, e da Resolução do *Kominform* «*Sobre a Situação no Partido Comunista da Jugoslávia*».

«O Comité Central do nosso partido», referi ao camarada Stáline, «aprovou a Resolução do *Kominform* e, num comunicado especial, condenámos a via traidora anti-albanesa e anti-soviética da direcção trotskista jugoslava. A direcção do nosso partido enfrentou durante anos a actividade hostil e conspiradora dos titistas, a arrogância e as intrigas de Voukmanovic Tempo e Dushan Mugosha, agentes de Tito. Nas vésperas da libertação da Albânia, Tito enviou-nos uma delegação do Comité Central do Partido Comunista da Jugoslávia, chefiada pelo seu delegado extraordinário Velimir Stojnic, com o fim de realizar os seus desígnios antimarxistas hostis à Albânia. Stojnic e os seus colaboradores secretos – os traidores Sejfulla Maleshova, Koçi Xoxe, Pandi Kristo, etc. – prepararam nos bastidores a sinistra plataforma de Berat, que constituía uma grave conspiração contra a justa linha seguida pelo partido durante a luta de libertação, contra a independência do nosso partido e do nosso país, contra a pessoa do secretário-geral do partido, etc. A parte sã da direcção do partido, apesar de não estar a par da conjura preparada, opôs-se firmemente, em Berat, às acusações dirigidas à direcção e à linha seguida durante a luta. Mais tarde eu próprio, convencido de que em Berat se tinham cometido graves erros de natureza antimarxista, submeti ao Bureau Político as teses sobre a revisão do Plenário de Berat, mas, na sequência da febril actividade subversiva da direcção jugoslava e dos seus agentes infiltrados nas nossas fileiras, essas teses não foram aceites. Os acontecimentos que se seguiram, as cartas do Comité Central do vosso partido e a Resolução do *Kominform* esclareceram-nos completamente. A actividade hostil da direcção jugoslava conduzida por Tito foi revelada e denunciada, e os conspiradores existentes nas nossas fileiras foram severamente desmascarados no 11.º Plenário do Comité Central do Partido. O I Congresso do PCA aprovou e reforçou a viragem iniciada no 11.º Plenário do Comité Central. Avaliou como correcta a linha política seguida pelo partido desde a sua fundação e considerou certos desvios surgidos após a libertação, sobretudo na linha de organização do partido, como o resultado da intervenção jugoslava e da actividade trotskista e traidora de Koçi Xoxe, Pandi Kristo e Kristo Themelko.

«Koçi Xoxe e Pandi Kristo», indiquei, «eram dois perigosos agentes dos trotskistas jugoslavos no seio da direcção do nosso partido. Orientados e apoiados pelos titistas, usaram todos os meios para usurpar os postos-chave no partido e no Estado de democracia popular. Desenvolviam a sua actividade traidora ao serviço da política nacional-chauvinista e colonialista da direcção trotskista jugoslava face à República Popular da Albânia. Kristo Themelko era um dos mais influenciados pela direcção trotskista jugoslava e aplicava sem reservas as suas directi-

vas no sector do exército. Mas, uma vez desmascarada por completo a traição da direcção jugoslava, reconheceu os seus erros e autocriticou-se perante o partido.»

Stáline, que escutava atentamente, perguntou-me: «Quem são esses indivíduos? Eslavos, albaneses, ou quê?»

«— *Kristo Themelko*», respondi, «é de origem macedónica, quanto a *Koçi Xoxe* é albanês de origem, mas os pais viveram na Macedónia.»

Falei-lhe em seguida da extrema importância de que se revestiam para o nosso partido as cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, dirigidas à direcção jugoslava, e a Resolução do *Kominform*. «À luz desses documentos, que nos chegaram às mãos nesses momentos tão delicados para o nosso partido e o nosso povo», indiquei ao camarada Stáline, «o Comité Central do partido compreendeu claramente o carácter e objectivos da intervenção jugoslava na Albânia.» Depois de ter esboçado em traços gerais as várias medidas radicais tomadas pelo partido para liquidar estas conjuras ferozes, subversivas, antimarxistas e anti-albanesas, disse-lhe que, apesar de já durante a guerra nos termos confrontado e oposto a manobras mal-intencionadas, nem por isso tínhamos menos consciência da nossa responsabilidade e do facto de que deveríamos ter sido mais vigilantes.

Aqui o camarada Stáline interrompeu-me:

«As cartas à direcção jugoslava não referem tudo, pois muitas outras questões apareceram depois. Não sabíamos que os jugoslavos, a pretexto de “defenderem” o vosso país contra os ataques dos fascistas gregos, tentaram introduzir unidades do seu exército na RPA. Eles actuavam secretamente. De facto, animavam-nos objectivos hostis, visando subverter a situação na Albânia. A informação que nos deram a este propósito foi muito útil pois, doutro modo, nada saberíamos sobre essas divisões que eles queriam introduzir no vosso território. Davam a entender que o faziam com o consentimento da União Soviética! Quanto ao facto que apontaram, de que deveriam ter sido mais vigilantes, a verdade é que, nas relações com a Jugoslávia, houve falta de vigilância não só da vossa parte, mas também de outros.»

No seguimento da entrevista, disse ao camarada Stáline que os momentos difíceis, criados pelos titistas e pelos monarco-fascistas gregos, que actuam a soldo dos imperialistas americanos e ingleses nas suas conjuras contra o nosso país, tinham sido ultrapassados com sucesso graças à justa linha do partido, ao patriotismo do nosso povo e à ajuda do PC da União Soviética. «Foi uma rude prova para nós, mas aprendemos muito com ela a corrigir os erros, a consolidar as vitórias obtidas e a lutar para as levar avante. O nosso exército cumpriu as suas tarefas com coragem e grande patriotismo.

«Durante o difícil período que atravessámos», prossegui, «as massas deram provas de um elevado patriotismo. A confiança no partido, na sua justa linha e na União Soviética, continua inquebrantável. A acção do inimigo interno não causou grandes estragos. Neutralizámos a actividade hostil dos agentes da direcção trotskista jugoslava. Quanto àqueles que, de um modo ou de outro, estavam implicados na actividade anti-albanesa da direcção trotskista jugoslava, temos adoptado atitudes diferenciadas. Uma parte deles fez a sua autocrítica pois agiu de boa-fé, e os outros, gravemente comprometidos, prestam actualmente contas dos seus actos nos tribunais populares.

«— *Defendam a pátria e o partido*», disse-nos o camarada Stáline. «*O inimigo deve ser completamente desmascarado com argumentos convincentes, para que o povo veja bem tudo o que fizeram e os malefícios que causaram. Um inimigo assim desmascarado aos olhos do povo, mesmo que não seja fuzilado, é executado moral e politicamente pois sem o povo é impotente.*»

«— *O processo que se desenvolve actualmente em Tirana*», referi ao camarada Stáline, «*é público e os debates são publicados na imprensa*».

«*Quanto aos que tomaram consciência profunda dos seus erros, que fizeram uma autocritica sincera e persuasiva, a estes tratámo-los com solicitude e indulgência, e demos-lhes possibilidades de corrigirem os seus erros pelo trabalho e pela fidelidade ao partido e ao povo. Pensámos mesmo em enviar um deles à União Soviética para estudar*», e citei o nome.

«*Como, como?*» perguntou Stáline, olhando-me fixamente. «*Pediram que viesse estudar para o nosso país? Ainda têm confiança política nele?*»

«— *Sim*», respondi, «*ele tem vindo a aprofundar a sua autocritica e temos grande esperança de que se emendará.*»

«— *E ele, será que gostaria de vir para cá?*»

«— *Foi ele mesmo que manifestou esse desejo.*» Aqui Tchuvakine interveio e deu algumas explicações apoiando a minha opinião.

«*Bom, uma vez que o camarada Enver pesou bem essa questão, ele que venha...*»

Prosseguindo a minha exposição, expliquei ao camarada Stáline que, durante esse mesmo período, os americanos tinham lançado em pára-quedas no Sul e no Norte da Albânia vários grupos de agentes subversivos vindos da Itália. Alguns tinham sido abatidos e os outros capturados. Prevendo possíveis complicações na fronteira sul, e com vista a disponibilizar de forças para esse fim, primeiro precisávamos de limpar as regiões do Norte dos grupos de bandidos políticos e de delito comum, liderados por agentes enviados por Rankovic, que actuavam no interior das nossas fronteiras. Estes bandos, ao serviço dos jugoslavos, efectuaram uma série de atentados. As operações de limpeza terminaram com sucesso. Eliminámos alguns bandos e os outros passaram para território jugoslavo onde ainda hoje se encontram.

«*Continuam a lançar pára-quedistas?*» — perguntou Stáline.

«— *Pensamos que não desistiram. A política de Tito e de Rankovic para atrair albaneses ao seu território e aí os organizar em grupos de sabotadores e espões fracassou e, actualmente, há pouquíssimos casos de passagem ilegal da fronteira. O nosso Governo tomou medidas no campo económico e o partido reforçou o trabalho político e organizativo. Os imperialistas treinaram no estrangeiro grupos de agentes subversivos, os monarco-fascistas e titistas fazem o mesmo e os italianos não lhes ficam atrás. O nosso plano actual consiste em eliminar os restos dos bandos que vagueiam encurralados nas nossas montanhas e destruir as suas bases que se encontram sobretudo entre os kulaques. A maior parte dos grupos reaccionários existentes nas cidades foi fustigada pela Segurança do Estado que obteve grandes êxitos nessa tarefa. O partido reorganizou o Ministério do Interior, antigo ninho dos titistas, e a Segurança do Estado tornou-se numa arma poderosa e querida do partido e do povo. O general Mehmet Shehu é um grande dirigente e goza da ajuda permanente do partido e do povo para levar a cabo a sua espinhosa e delicada tarefa. O partido tem o dever de consolidar a cada dia as suas posi-*

ções para que possamos enfrentar e aniquilar os ataques e as eventuais tentativas dos nossos numerosos inimigos.

«O nosso partido reforça-se diariamente», referi em seguida ao camarada Stáline, «os membros do nosso jovem partido caracterizam-se por uma grande coragem e uma vontade de ferro. O nível ideológico e cultural dos funcionários do partido é baixo, mas nota-se em todos eles uma grande vontade de aprender. Estamos a trabalhar para melhorar esta situação. Ainda se observam muitas insuficiências no trabalho do partido, mas graças a esforços perseverantes, com confiança no futuro e aproveitando a experiência do partido bolchevique, corrigiremos esses erros.»

No seguimento das conversações, apresentei ao camarada Stáline uma exposição geral acerca da situação económica da Albânia, dos resultados obtidos e da grande luta levada a cabo pelo partido e pelo povo para enfrentar as dificuldades criadas na economia pela actividade hostil dos trotskistas jugoslavos e dos seus agentes. «O nosso povo», disse-lhe, «é um povo simples e trabalhador. Sob a direcção do partido, mobilizou todas as suas forças para recuperar o atraso, ultrapassar as dificuldades criadas e cumprir as tarefas fixadas pelo I Congresso do partido.»

Informei que o I Congresso, a par da orientação dada para a industrialização socialista, aprovou também a directiva de consolidar o sector socialista na agricultura através do aumento do número de explorações estatais e da colectivização gradual, sob a forma de cooperativas agrícolas, às quais o Estado concederá apoio político, económico e organizativo.

«Criaram muitas cooperativas desse género? Que critérios usais nesse campo?» — perguntou o camarada Stáline.

Expliquei-lhe que, sobre esse assunto, o Congresso definira a directiva de que a colectivização da agricultura deveria seguir um processo gradual, ponderado e baseado no livre consentimento. Dentro desta linha não iremos nem precipitar-nos, nem marcar passo.

«Na minha opinião», disse o camarada Stáline, «não deveis apressar-vos na colectivização da agricultura. O vosso país é montanhoso e tem um relevo muito variável de região para região. Também nós, nas zonas montanhosas, só muito mais tarde criámos os kolkhozes.»

Evoquei de seguida o trabalho feito para reforçar a aliança da classe operária com o campesinato trabalhador, o apoio dado pelo Estado aos camponeses individuais, o aumento da produção agrícola e a política de armazenamento dos produtos vegetais e animais.

«Essa questão é muito importante», disse-nos o camarada Stáline, «e fazem muito bem em lhe dar toda a atenção. Se os camponeses albaneses têm necessidade de tractores ou outra maquinaria agrícola, de animais de trabalho, de sementes ou outras coisas, ajudai-os. E não fiquéis por aí: abri canais de irrigação para o campesinato, então vereis do que ele é capaz. Na minha opinião é correcto que o camponês pague em géneros as ajudas que recebe.»

«O Estado», continuou o camarada Stáline, «deve criar parques de máquinas e tractores. Não deveis entregar os tractores às cooperativas. O Estado deve ajudar também os camponeses individuais no amanho das terras se eles assim o desejarem. Deste modo os camponeses pobres tomarão gradualmente consciência das vantagens da colectivização.»

«Quanto aos excedentes da produção agrícola», prosseguiu o camarada Stáline, «os agricultores devem poder dispor deles à sua vontade, pois se agirmos de outro modo os camponeses deixarão de colaborar com o governo. Se os camponeses não virem na prática a ajuda do Estado, não se disporão a apoiá-lo.»

Depois Stáline disse-me que não conhecia a história e as características da burguesia albanesa e perguntou: «Houve no vosso país uma burguesia mercantil?»

«— Sim, uma burguesia mercantil em formação», respondi, «mas já nada possui.»

«— Expropriaram-na totalmente?»

Para responder a esta pergunta expliquei ao camarada Stáline a política praticada pelo partido desde a época da luta de libertação face às classes ricas, a profunda diferenciação que se operara em função da atitude dos elementos dessas classes face ao ocupante, visto que a maior parte deles, por se terem tornado colaboracionistas ou terem as mãos sujas com sangue do povo, ou fugiram com o ocupante ou, quando não o conseguiram, foram capturados pelo povo e entregues à justiça. Quanto aos elementos da média e pequena burguesia patriota que se ligaram à luta do povo e se opuseram ao ocupante estrangeiro, o partido apoiou-os, interessou-se por eles e mostrou-lhes o caminho certo para contribuírem para o desenvolvimento do país e para o reforço da independência da pátria. «No entanto», acrescentei, «nestes últimos anos, devido às conjuras hostis de Koçi Xoxe e dos seus cúmplices, foram tomadas certas atitudes injustas e medidas rigorosas contra alguns destes elementos e contra certos intelectuais patriotas, mas o partido condenou veementemente esses erros e não permitirá que se repitam.»

Tomando a palavra, o camarada Stáline ressaltou que, em relação a este problema como a todos os outros, tudo depende das condições e da situação concreta de cada país. «Todavia», precisou, «em relação à burguesia patriota, realmente interessada na independência do país, é necessário, na minha opinião, durante a primeira etapa da revolução, seguir uma política que lhe permita contribuir para esta causa com os meios e as riquezas de que dispõe.»

«Lénine ensina-nos», prosseguiu, «que durante a primeira etapa da revolução, quando esta se reveste de um carácter anti-imperialista, os comunistas podem beneficiar da ajuda da burguesia patriota. Naturalmente, isto deve fazer-se em função das condições concretas, da atitude desta mesma burguesia face aos problemas mais prementes do país, etc.»

«Nos países de democracia popular, por exemplo, a grande burguesia estava comprometida com os ocupantes alemães e ajudou-os. Quando o exército soviético libertou esses países, a burguesia vendida emigrou.»

Reflectiu um momento antes de prosseguir:

«Parece-me que o exército soviético não chegou a ajudar-vos a libertar a Albânia; o exército jugoslavo ajudou-vos durante a vossa luta de libertação nacional?»

«— Não», respondi, «pelo contrário, foi o nosso exército de libertação nacional que enviou dois destacamentos de guerrilheiros para combater em território jugoslavo e ajudar à libertação dos povos da Jugoslávia.»

Prosseguindo, o camarada Stáline sublinhou que todos os partidos comunistas e Estados socialistas devem dar muita atenção às suas relações com os intelectuais;

que é preciso realizar um trabalho intenso, atento e clarividente para que os intelectuais honestos e patriotas se aproximem cada vez mais do poder popular.

Lembrando certas particularidades da revolução russa, o camarada Stáline referiu que *«nessa altura a Rússia não estava sob o domínio de nenhuma potência imperialista estrangeira, pelo que só nos levantámos contra os exploradores internos; a burguesia nacional russa, exploradora como era, não aderiu à nossa revolução. Desenvolveu-se então no nosso país uma violenta luta de classe e a burguesia russa pediu a ajuda e a intervenção dos imperialistas.*

«Portanto, vê-se claramente que há uma diferença entre a revolução russa e a luta levada a cabo nos países vítimas dos agressores imperialistas.

«Se vos digo isto», prosseguiu Stáline, «é para vos mostrar como é importante ter em conta as condições concretas de cada país, porque estas condições variam sempre de um país para outro. E é precisamente por isso que ninguém deve copiar a nossa experiência ou a dos outros, mas apenas estudá-la e aproveitá-la, aplicando-a de acordo com as condições concretas do próprio país.»

A nossa entrevista com Stáline já durava há muito. O tempo passava sem darmos por ele. Retomando a palavra, comecei a abordar os problemas do nosso plano de reforço da defesa e de desenvolvimento da economia e da cultura da RPA.

«O vosso chefe do Estado-Maior», disse-me o camarada Stáline, «fez-nos alguns pedidos para o exército. Demos instruções para que fossem satisfeitos. Já receberam o equipamento que pediram?»

«— Ainda não nos informaram», respondi.

Stáline chamou então um general e encarregou-o de recolher informações concretas sobre esse assunto. Pouco depois, soou o telefone. Stáline levantou o auscultador e, passado um momento, informou-nos de que o equipamento já tinha sido enviado.

«E receberam os carris? O vosso caminho-de-ferro já está pronto?» — perguntou.

«— Sim, já os recebemos e o caminho-de-ferro já foi inaugurado», e continuei a expor-lhe em linhas gerais os principais objectivos do plano de desenvolvimento económico, cultural e de defesa do nosso país. Nessa ocasião apresentei-lhe também os nossos pedidos de ajuda à União Soviética.

Tal como anteriormente, o camarada Stáline acolheu favoravelmente estes pedidos de ajuda, e declarou-nos abertamente:

«Camaradas», disse, «somos um grande país, mas vós sabeis que ainda não eliminámos todas as graves sequelas da guerra. Seja como for, ajudar-vos-emos hoje e no futuro, talvez não tanto como seria necessário, mas na medida das nossas possibilidades. Sabemos bem que precisais de criar e desenvolver o sector da indústria socialista e estamos dispostos a satisfazer todos os pedidos que acabais de nos apresentar, bem como aqueles que dizem respeito à agricultura.»

Depois, sorrindo, acrescentou:

«E os albaneses, trabalham mesmo?»

Sabia porque é que ele me fazia aquela pergunta. Era baseada na informação mal-intencionada do marechal arménio Mikoian que, num encontro que eu tivera com ele, não só usara uma linguagem completamente diferente da de Stáline, como empregara inclusivamente palavras ásperas nas suas observações acerca da realiza-

ção dos planos, insinuando que o nosso povo não trabalhava, etc. Pretendia assim fazer diminuir o ritmo e o volume das ajudas soviéticas. Mikoian manteve sempre esta posição para conosco. Mas Stáline sempre nos concedeu todo o auxílio que lhe pedimos.

«*Também vos enviaremos*», prosseguiu, «*os quadros que nos pediram e eles não pouparão esforços para vos ajudar, mas é evidente que não ficarão para sempre na Albânia. Por isso, camaradas, deveis formar os vossos próprios quadros e especialistas, que possam substituir os nossos. Esta é uma questão importante. Por muitos que sejam os quadros estrangeiros enviados ao vosso país, não deixa de ser indispensável que tenhais os vossos próprios quadros. Também acho, camaradas*», aconselhou, «*que deveis criar a vossa Universidade, que será um grande centro de formação de futuros quadros.*»

«— *Já criámos os primeiros Institutos*», respondi ao camarada Stáline, «*e eles funcionam convenientemente, mas demos apenas os primeiros passos. Falta-nos, não só a experiência e os livros, mas também os quadros necessários para fundar a Universidade.*»

«— *O importante é começar*», retorquiu Stáline, «*depois, pouco a pouco, tudo se irá aperfeiçoando. Pela nossa parte ajudar-vos-emos com literatura especializada e especialistas para que possais aumentar o número dos vossos estabelecimentos de ensino superior, que servirão de alicerces à vossa futura Universidade.*»

«*Os especialistas soviéticos*», continuou o camarada Stáline, «*receberão do vosso Governo a mesma remuneração que pagais aos especialistas albaneses. Não lhes devem dar quaisquer privilégios face aos vossos especialistas.*»

«— *Mas os especialistas soviéticos vêm de um país longínquo para a nossa terra*», respondi, «*e não os podemos tratar como os nossos.*»

O camarada Stáline interrompeu-me logo:

«*Não, não*», disse, «*tanto faz que venham do Azerbaijão como de qualquer outra região da União Soviética; temos as nossas regras no que diz respeito à remuneração dos especialistas que enviamos em ajuda dos povos irmãos. Como revolucionários internacionalistas eles têm o dever de trabalhar com todo o empenho, tanto para a Albânia como para a União Soviética. O Governo soviético encarregar-se-á de pagar os suplementos necessários aos seus salários.*»

Agradei ao camarada Stáline e levantei depois o problema das necessidades que tínhamos de equipas para estudos geológicos, hidroeléctricos, para a construção de linhas-férreas, assim como uma série de outros problemas relacionados com o desenvolvimento a longo prazo da nossa indústria. Respondendo afirmativamente a todas as questões colocadas, perguntou-me entre outras coisas: «*Têm muitos rios de grande caudal para construir centrais hidroeléctricas? Há na Albânia muitas reservas de carvão?*»

Respondi a estas perguntas e depois perguntei-lhe se podíamos enviar à União Soviética um certo número de quadros para se especializarem em determinados sectores onde as nossas necessidades são particularmente urgentes. «*Se não for possível*», acrescentei, «*podiam enviar-nos então alguns especialistas soviéticos para instruírem os nossos quadros.*»

Disse-me então o camarada Stáline:

«Nesta matéria é preferível sermos nós a enviar instrutores para a Albânia, porque se forem os vossos a vir para a União Soviética será necessário um período maior para a sua formação pois terão de aprender russo, etc.»

O camarada Stáline recomendou-nos que contactássemos o Ministério dos Negócios Estrangeiros da União Soviética para tratar deste assunto e depois acrescentou: *«Do nosso lado é o camarada Vichínski que está encarregue de dirigir todas as negociações sobre esta matéria, pelo que é a ele que deveis endereçar os vossos pedidos.»*

Expliquei ao camarada Stáline que em traços gerais eram aquelas as questões que queria discutir com ele sobre a situação interna na Albânia e manifestei o desejo de lhe expor sucintamente as posições políticas da Albânia sobre a situação internacional. Olhou para o relógio e perguntou-me: *«Vinte minutos chegarão?»*

«— Precisaréi talvez de um pouco mais, camarada Stáline, se for possível», respondi.

Depois de ter invocado a situação tensa das nossas relações com a Jugoslávia, a actividade hostil dos traidores jugoslavos, os bandos criminosos por eles organizados e a sua infiltração em território albanês para levarem a cabo acções de subversão e sabotagem contra o nosso país, falei-lhe acerca da política de terror selvático seguida pela clique de Tito em relação aos albaneses do Kosovo, da Macedónia e do Montenegro.

«Há muitos albaneses na Jugoslávia?» — perguntou-me ele. *«Que religião praticam?»*

«— Há mais de um milhão», respondi (Vichínski manifestou surpresa com este número; aparentemente ignorava que houvesse tantos albaneses na Jugoslávia), e acrescentei: *«E quase todos são muçulmanos.»*

«— Como se explica que não tenham sido assimilados pelos eslavos e quais as relações dos albaneses que vivem na Jugoslávia com os da Albânia?» — perguntou Stáline.

«— Os albaneses residentes na Jugoslávia», respondi, *«sempre se distinguiram pelo seu ardente patriotismo e pelos fortes laços que os ligam à pátria e aos compatriotas. Sempre se opuseram tenazmente aos esforços febris, expansionistas e integracionistas dos reaccionários grã-sérvios e grã-eslavos, preservando fanaticamente em todos os aspectos a sua identidade de albaneses.»*

«Actualmente a clique de Tito aplica no Kosovo e nas regiões do Montenegro e da Macedónia habitadas por albaneses a mesma linha e métodos que aplicaram outrora os seus antecessores, o rei Alexandre e outros. O Kosovo constitui um ponto muito fraco para a clique de Tito e é por isso que tem espalhado o terror, com deportações em massa, trabalhos forçados, prisões, incorporação compulsiva no exército e expropriações massivas. A população albanesa residente na Jugoslávia titista tem sido particularmente atingida, porque os actuais dirigentes jugoslavos conhecem bem as suas qualidades patrióticas e revolucionárias e sabem que, para esta população, o problema nacional sempre tem sido uma ferida aberta que exige tratamento. Além disso, o Kosovo e as outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses foram transformados pelos titistas em importantes locais de concentração de traidores albaneses, bandidos e espiões que, treinados pelos membros da UDB, se preparam para levar a cabo no nosso país acções de terror, de subversão e sabotagem e mesmo ataques armados. A clique de Belgrado reactivou redes de

antigos agentes sérvios, ingleses e americanos, além de italianos e alemães, para mobilizar a reacção albanesa do Kosovo e com ela organizar destacamentos para penetrarem no nosso território e criarem problemas, de conluio com os outros bandidos albaneses.»

Em seguida falei resumidamente ao camarada Stáline da luta do povo grego contra os monarco-fascistas e os anglo-americanos, do apoio político que dávamos a essa justa luta, assinalando, entre outras coisas, que o Exército Democrático Grego se mantinha afastado do povo.

«*O quê? Como disse?*» — interrompeu Stáline espantado com o que acabara de ouvir.

Completei as minhas explicações sobre esta questão e sobre as posições erradas de Niko Zachariadis e seus correligionários a propósito do papel do partido e dos comissários políticos no exército, no governo, etc.

«*Pensamos*», prossegui, «*que a direcção do Partido Comunista da Grécia tem cometido, desde a época da luta contra os nazis, graves erros no que diz respeito ao reforço do partido e da sua implantação nos campos e nas cidades, erros esses que se voltaram a manifestar na luta contra a reacção interna e a intervenção anglo-americana.*

«*Julgando erradamente que as cidades deveriam desempenhar o papel decisivo na vitória sobre os nazis e a reacção interna, a direcção de Siantos¹ deu orientações para que o proletariado grego se mantivesse nas cidades durante a luta antifascista. Em consequência, a camada mais revolucionária do povo grego ficou exposta aos golpes ferozes dos nazis locais enquanto o exército guerrilheiro grego de libertação nacional se via privado do proletariado, que deveria ser a força motriz e dirigente da revolução popular grega.*» Sublinhei então que, apesar do terror bestial que os nazis e a reacção interna desenvolviam nas cidades contra o proletariado e os revolucionários, e apesar dos rudes golpes que lhes desferiam, esses elementos, em vez de se juntarem à guerrilha, se tinham mantido, regra geral, nas cidades, onde foram assassinados, torturados, presos e deportados, pois era essa a orientação do Partido Comunista da Grécia. É certo que as cidades também foram palco de importantes acções armadas, sabotagens e atentados, mas estas acções tiveram apenas um papel secundário no quadro da luta do povo grego.

«*Estas fraquezas*», indiquei, «*verificaram-se igualmente nos campos, onde o partido não alargara a sua acção, onde era fraca e frouxa a organização das células e dos outros organismos partidários, onde as organizações do partido se confundiam com as da EAM,² na qual o oportunismo reinava, tanto na organização como na linha política dos conselhos de libertação nacional dos campos, existindo uma dualidade de poder e uma coexistência com as organizações reaccionárias e zervistas, etc., tanto nas regiões libertadas como nas outras. Fizemos sentir aos camaradas gregos que o facto de porem o comando do seu exército de libertação nacional sob as ordens do comando das forças aliadas do Mediterrâneo, os contactos e acordos oportunistas e capitulacionistas com Zervas e o governo reaccionário grego no exílio, e o facto de a direcção do exército grego de libertação naci-*

¹ Antigo secretário-geral do Partido Comunista da Grécia, oportunista e capitulacionista face à reacção anglo-americana.

² Sigla grega de Frente de Libertação Nacional. (N. Ed.)

onal ser dominada por elementos camponeses e oficiais de carreira constituíam outros erros graves que levariam à derrota da luta heróica do povo grego. Os acordos de Varkize foram a conclusão lógica de todas estas acções e análises erradas e conduziram à capitulação frente à reacção inglesa e interna.

«Mas mesmo depois dos acordos capitulacionistas de Varkize e do período de “legalidade” do Partido Comunista da Grécia, a sua direcção não analisou, quanto a nós, a sua actividade de molde a corrigir por inteiro os erros anteriores. O reforço do partido nas cidades e nos campos, a criação de laços sólidos com as massas deveriam ter constituído a preocupação fundamental da direcção do Partido Comunista da Grécia, pois era nisto que tinham consistido os seus erros mais graves. Mas o partido não seguiu esse caminho porque não fez uma apreciação correcta da nova situação criada com a derrota do fascismo, subestimou o inimigo interno e a reacção anglo-americana, não soube prever como devia o grande perigo que provinha destas forças reaccionárias. Depositou muitas esperanças na acção “legal” e no parlamentarismo. Assim, o partido encontrou-se desarmado face ao inimigo e perdeu os laços sólidos com o povo; a revolução popular grega atravessou uma grave crise; alimentou-se a ilusão de que a revolução ia triunfar pela via parlamentar e eleitoral, e assim o povo viu-se desorientado, apanhado de surpresa e desamparado perante os golpes da reacção. O povo grego bateu-se heroicamente para conquistar a sua liberdade, mas esta fugiu-lhe devido aos erros da direcção do Partido Comunista da Grécia. Todos estes erros tiveram graves consequências no desenrolar dos acontecimentos, quando se desvaneceram todas as ilusões sobre uma vitória por via legal e quando o partido passou à clandestinidade decidindo retomar a luta.

«É verdade», referi ao camarada Stáline, «que antes de passar à clandestinidade o partido conseguiu reagrupar parte das forças combatentes, fazê-las voltar à guerrilha e retomar o combate. Foi correcto. Porém, somos de opinião de que é precisamente aqui que recomeçam os erros dos camaradas gregos quanto à estratégia e à táctica a seguir, à organização do partido nas cidades e nos campos, à sua organização no exército e sobretudo no que toca aos seus laços com as massas e ao papel dirigente do partido.

«Os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia subestimaram as forças do inimigo e imaginaram que poderiam tomar facilmente o poder e que facilmente poderiam libertar a Grécia dos anglo-americanos e dos monarco-fascistas. Imbuídos desta concepção errada, não se prepararam para uma luta longa e difícil, subestimaram a guerra de guerrilha e baptizaram de “exército regular” o reagrupamento de forças guerrilheiras que tinham conseguido efectuar. Foi neste “exército regular” que puseram todas as esperanças de vitória, negligenciando assim o povo como factor principal e o princípio marxista-leninista segundo o qual “o exército e o povo formam um todo”. Os camaradas dirigentes gregos não fizeram uma apreciação correcta da situação da Grécia nessa época. Em consequência da derrota, o ímpeto revolucionário das massas tinha-se enfraquecido; assim, era preciso reanimar esse ímpeto reorganizando poderosamente o partido nos campos e nas cidades, corrigindo radicalmente os antigos erros e estendendo a guerra de guerrilha a todo o país.

«O monarco-fascismo», observei continuando a minha exposição, «temia duas coisas: o povo, seu grande inimigo, e a guerra de guerrilha. Estes dois factores foram negligenciados pela direcção do Partido Comunista da Grécia e o inimigo

conseguiu aproveitar-se deste erro. O inimigo receava uma guerra de guerrilha, que teria aumentado de dia para dia, agregando pouco a pouco as massas populares das cidades e dos campos e que, ganhando amplitude, desembocaria na insurreição geral armada e na tomada do poder. Se o inimigo escapou a isto, tal deveu-se à tática errada da direcção grega que pensava, e ainda hoje pensa, opor ao inimigo o grosso das suas forças numa guerra frontal e com uma retaguarda passiva. Era isto precisamente que o inimigo desejava: encurralar em certos pontos as principais forças do exército democrático grego, dispersá-las e aniquilá-las com a sua superioridade em homens e armamento.

«Aproveitando-se deste grave erro da direcção do Partido Comunista da Grécia, os monarca-fascistas afastaram o povo do exército democrático grego e arrancaram ao partido a sua base fundamental. Usando o terror e os assassínios, expulsaram a população de todas as zonas onde as forças mais numerosas e activas do exército democrático grego tinham estabelecido as suas bases, não com o objectivo de atacarem, mas para se defenderem. Consideramos que esta tática foi um erro fatal. Também no nosso país, durante a luta de libertação nacional», disse ao camarada Stáline, «o fascismo assassinou, massacrou a população e incendiou regiões inteiras, mas o nosso povo não se deixou encerrar em campos de concentração; juntou-se à guerrilha, combateu e depois voltou a casa e aí resistiu encarniçadamente, porque o partido lhe ensinara a combater e resistir. O nosso exército de libertação nacional nunca se separou do povo, pois era no povo que o próprio partido tinha as suas bases poderosas. Pensamos que o inimigo conseguiu isolar os guerrilheiros gregos em montanhas desertas porque o Partido Comunista da Grécia não tinha bases sólidas no povo. Eis a razão por que disse que a direcção do Partido Comunista da Grécia se tinha privado a ela própria e ao exército democrático da sua base fundamental que é o povo.»

A terminar referi ao camarada Stáline as ameaças de que a Albânia era alvo por parte dos seus inimigos externos.

Ele escutara-me atentamente e exprimiu então a sua opinião sobre as questões que eu tinha levantado.

«Quanto à luta do povo grego», disse entre outras coisas, «sempre a considerámos uma luta justa e apoiámo-la de todo o coração. Qualquer guerra popular não é levada a cabo não apenas pelos comunistas, mas também pelo povo, e o importante é que os comunistas a dirijam. Tsaldaris está em maus lençóis e procura salvar o regime com a ajuda dos anglo-americanos.

«Quanto aos gritos dos inimigos externos pela partilha da Albânia, são lançados com a única intenção de vos intimidar; penso que nada tendes a temer actualmente neste campo, não por “benevolência” dos inimigos, mas por uma série de razões. Primeiro, a Albânia é um país livre e independente, onde o povo tomou o poder e saberá defender a sua independência tal como a soube conquistar. Em segundo lugar, os próprios inimigos externos têm divergências no que toca à Albânia. Nenhum aceita ver a Albânia pertencer apenas a este ou àquele. Se a Grécia deseja a Albânia só para si, tal não convém à Itália e à Jugoslávia, que se opõem, e vice-versa. Por outro lado», indicou o camarada Stáline, «a independência da Albânia foi reconhecida e confirmada pela declaração dos três grandes: a União Soviética, a Inglaterra e os Estados Unidos. Isto não quer dizer que essa declaração

não possa ser violada, mas não é fácil. Portanto, de qualquer maneira, a independência da Albânia está assegurada.»

O camarada Stáline repetiu várias vezes que se o Governo albanês soubesse seguir uma política ponderada, inteligente e clarividente, os seus assuntos correriam bem.

Depois aconselhou:

«Deveis encarar também um eventual estabelecimento de relações diplomáticas com a Itália, país vizinho do vosso, mas deveis, antes de tudo, tomar medidas para vos defenderdes das investidas dos fascistas italianos.»

Lembrando a importância do reconhecimento do nosso país na arena internacional, perguntou:

«Há mais Estados a bater à vossa porta para estabelecer convosco relações diplomáticas? Quais as vossas relações com os franceses?»

«— Já temos relações com a França», expliquei. «Eles têm a sua embaixada em Tírana e nós a nossa em Paris.»

«— E com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?»

«— Não temos. Desde 1945 que os Estados Unidos nos põem como condição para o estabelecimento de relações que reconheçamos todos os seus antigos acordos com o governo antipopular de Zogu. Nós não podemos considerar legítimos esses acordos porque têm um carácter escravizante e o Congresso de Permet interditou expressamente acordos desse tipo. Por seu turno os ingleses querem que os deixemos estabelecer bases militares nos nossos portos como condição para nos reconhecerem. Há muito tempo que se esforçam por conseguir tais intentos.

«Numa altura em que já tínhamos aniquilado as forças nazis e libertado quase todo o país, os ingleses, por intermédio das suas missões militares no nosso país e sob a máscara de aliados da guerra antifascista, insistiram para que destruíssemos juntos, enquanto “aliados”, com um dos seus grupos especiais, uma guarnição alemã que se entrincheirara em Saranda, o nosso porto do Sul. Aceitámos na condição de que, uma vez terminada a operação, partissem por onde tinham vindo, isto é, pelo mar. Levada a cabo com sucesso a operação, os ingleses quiseram não só ficar, como inclusivamente penetrar profundamente no interior do país.

«O Estado-Maior General do nosso exército de libertação nacional intimou-os a partir imediatamente, caso contrário deitá-los-íamos ao mar à força. Portanto, os ingleses embarcaram e foram para a Grécia, mas não renunciaram aos seus intentos.»

«— Agi de acordo com os interesses do vosso país», disse Stáline, e prosseguiu:

«— Não permitais por preço nenhum que os ingleses estabeleçam essas bases nos vossos portos. Guardai-os bem.»

«— Nós nunca os entregaremos a ninguém!» — declarei. «— Estamos prontos a morrer caso isso aconteça, mas nunca os entregaremos.»

«— Defendei-os, mas tratai de não morrer, disse o camarada Stáline sorrindo. Também é preciso diplomacia.»

Em seguida levantou-se, cumprimentou-nos um a um e saiu.

Voltámos a encontrar-nos dois dias depois, num jantar oferecido no Krémelin em honra da nossa delegação. Sentámo-nos à mesa em volta do camarada Stáline. Nes-

te jantar, como em todos os outros encontros que com ele tivemos, ficámos impressionados e comovidos com o grande amor que Stáline testemunhava ao nosso país e ao nosso povo, com o seu desejo de aprender sempre mais sobre a história, a cultura, a língua e os costumes do nosso povo.

Stáline entabulou conversa interrogando-me sobre algumas palavras albanesas:

«Quero ouvir», disse-me ele, «como soam em albanês as palavras: “povo”, “homem”, “pão”, “presente”, “mulher”, “marido”, “terra”!»

Pus-me a pronunciar estas palavras em albanês; escutava-me atentamente. Lembro-me que gracejou ao ouvir uma dessas palavras. Tinha-me perguntado como se dizia em albanês a palavra russa “dar”.³

«Peshqesh!» — respondi logo.

«— Ah não! disse ele. “Peshqesh” não é uma palavra albanesa, é turca», e pôs-se a rir. Tinha um riso franco, sincero, um riso que vinha do coração.

Ouviu-me pronunciar aquelas palavras albanesas e depois disse-me:

«A vossa língua é muito antiga, foi transmitida de geração em geração pela tradição oral. É mais um facto a testemunhar a resistência do vosso povo, a força extraordinária que lhe permitiu não se deixar assimilar, mau grado os tormentos que teve de enfrentar.»

E a esse propósito perguntou-me:

«Qual é a composição nacional do povo albanês? Existem minorias sérvias ou croatas?»

«— O nosso povo», respondi, «compõe-se na sua esmagadora maioria por albaneses; há ainda uma minoria de nacionalidade grega (cerca de 28 mil pessoas) e um pequeno número de macedónios (no total cinco aldeias), mas não há sérvios nem croatas.»

«— Quantas religiões há e que línguas se fala?» — perguntou então o camarada Stáline.

«— Temos três religiões, muçulmana, ortodoxa e católica. Essas três crenças são professadas pela população de nacionalidade albanesa, e por isso a língua é apenas o albanês, excepção feita à minoria nacional grega que fala a sua língua materna.»

Enquanto eu falava, Stáline puxava de vez em quando do cachimbo e enchia-o. Reparei que não usava nenhum tabaco especial: desenrolava cigarros Kazbek e enchia o cachimbo com esse tabaco. Ouviu a minha resposta e depois disse:

«Sois um povo peculiar, como os persas e os árabes, que têm a mesma religião que os turcos. Os vossos antepassados já existiam antes dos romanos e dos turcos. A religião nada tem a ver com a nação e a nacionalidade.»

A meio da conversa, perguntou-me:

«E o camarada Enver, come carne de porco?»

«— Claro!», respondi.

«— O Islão proíbe-a aos seus fiéis. É um velho costume que já teve o seu tempo. Seja como for o problema religioso deve ser encarado com muita atenção, é preciso actuar com cuidado neste campo porque não podemos ignorar os sentimentos

³ Em russo: oferta, presente.

religiosos do povo. Há séculos que os homens cultivam esses sentimentos e por isso é preciso proceder com muita ponderação, pois a atitude adoptada em relação a este problema influirá na coesão e unidade do povo.»

O jantar desenrolou-se num ambiente extremamente cordial e amigável. Depois de ter brindado aos exércitos albanês e soviético, o camarada Stáline voltou à questão da luta do povo grego. Falava com imensa simpatia desse povo corajoso e amante da liberdade, dos seus feitos heróicos, dos sacrifícios e do sangue que vertia na sua justa luta.

«Tal como vós, nós, os revolucionários e os povos», disse o camarada Stáline entre outras coisas, «apoiamos a justa luta do povo grego e as suas reivindicações de liberdade e democracia. A nossa ajuda e o nosso apoio ideológico e político nunca lhe faltarão. Vós, que tendes fronteiras com a Grécia, deveis mostrar-vos particularmente prudentes e vigilantes para enfrentar qualquer provocação dos monarco-fascistas contra o vosso país.»

Durante o jantar fizeram-se saúdes a todos os camaradas. Brindámos também à saúde de Omer Nishani.⁴

Mólotov, que fazia uma saúde de vez em quando, incitava-me a beber e, ao ver-me reticente, perguntou:

«Porque bebe tão pouco? Ontem bebeu mais!»

«— Ah! Mas ontem era diferente» — respondi sorrindo.

Nessa altura Mólotov voltou-se para o camarada Stáline:

«Ontem à noite», disse, «jantámos com o camarada Enver em casa de Vichínski. Enver Hoxha tinha acabado de saber que era pai de um rapaz. Para festejar, bebemos um pouco mais.»

«— Os meus parabéns!» — disse-me Stáline, e ergueu o copo na minha direcção. «Bebamos então à saúde do seu filho e da sua esposa!»

Agradei ao camarada Stáline desejando-lhe longa vida e muita saúde para bem do partido bolchevique e do Estado soviético, para bem da revolução e do marxismo-leninismo.

Passámos algumas horas numa atmosfera muito calorosa, cordial e familiar. Guardaremos para sempre na memória, os meus camaradas e eu, a afabilidade e a figura do grande Stáline, deste homem cujo nome e obra faziam tremer os inimigos, os imperialistas, fascistas, trotskistas e reaccionários de toda a espécie, mas que entusiasmavam os comunistas, os proletários e os povos, galvanizavam as suas forças e a sua confiança no futuro.

Durante todo o jantar estive de bom humor, alegre, sorridente, muito atento à nossa conversa, esforçando-se por pôr à vontade todos os convidados. Por volta das 23 horas Stáline propôs:

«Vamos tomar um café?»

Levantámo-nos todos e passámos a uma sala ao lado. Enquanto nos serviam o café, dois camaradas soviéticos, numa mesa próxima da nossa, incitavam alegremente Xhafer Spahiu a beber. Xhafer recusava, desculpando-se de todas as maneiras. Stáline, sempre atento, tinha reparado e virou-se para os camaradas soviéticos

⁴ Na época presidente do *Presidium* da Assembleia Popular da RPA.

gracejando: «Ah, não! Não é justo! Estais a bater-vos com armas desiguais. Sois dois contra um.»

Largámos todos a rir e continuámos a conversar e a gracejar como se estivéssemos em família. Pouco depois Stáline levantou-se e disse-nos:

«Camaradas, convido-vos a ir ao cinema.»

Conduziu-nos então ao cinema do Krémelin onde ele próprio escolheu os filmes em nossa intenção. Eram alguns documentários a cores com paisagens de diversas regiões da União Soviética e o filme *A Jovem Noiva Que Veio de Longe*.

E assim terminou a nossa segunda visita a Stáline.

Terceiro encontro

Novembro 1949

Entrevista de cinco horas em Sukhumi. Conversa a sós com o camarada Stáline. Ainda acerca da questão grega. Sobre a situação na Jugoslávia depois da traição de Tito. O problema do Kosovo e das outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses. «Atacar a Albânia não é coisa fácil». «Se a Albânia for forte internamente nada terá que temer do exterior». Um serão inesquecível. Ainda acerca do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. A atitude face à religião e ao clero. «O Vaticano é um centro da reacção, um instrumento ao serviço do capital e da reacção mundial.»

Em Novembro de 1949 fui a Moscovo pela terceira vez. No caminho fiz uma pequena paragem em Bucareste, onde me encontrei com Rákosi, que me recebeu cordialmente e me pediu informações sobre a situação económica da Albânia, sobre as intrigas hostis dos titistas e sobre a luta das forças democráticas gregas. Conversámos amigavelmente, trocámos opiniões e ele, se bem me lembro, pôs-me a par da situação na Hungria.

Antes de chegar a Moscovo parei ainda em Kiev, onde me acolheram de um modo extremamente caloroso.

Em Moscovo esperavam-me Lavrentiev, o marechal Sokolovski, Orlov e outras personalidades militares e civis. Depois encontrei-me com Malenkov com quem tive uma primeira e rápida entrevista.

Malenkov pediu-me que lhe desse, caso o desejasse, uma lista dos assuntos que pensava tratar nos encontros para lhe facilitar a tarefa de os transmitir ao camarada Stáline.

«Depois, camarada Enver», disse-me, «esperaremos a resposta do camarada Stáline para saber se ireis encontrar-vos pessoalmente com ele em Sukhumi, onde se encontra a descansar alguns dias, ou se vos encontrareis com outro camarada da direcção soviética designado por Iossif Vissariónovitch.»

À noite elaborei a lista das questões que pensava discutir e entreguei-a a Malenkov.

Posto ao corrente, Stáline informou que me esperava para uma entrevista em Sukhumi. E assim fizemos.

Encontrei o camarada Stáline no jardim da casa onde descansava: um jardim magnífico, cheio de árvores e canteiros de flores a ladear os passeios e caminhos. Ao longe, vi que caminhava lentamente, com era seu hábito, ligeiramente curvado e com as mãos cruzadas atrás das costas.

Como sempre, acolheu-me cordialmente e mostrou-se muito afável. Parecia de óptima saúde.

«*Passo todo o dia ao ar livre, só entro para comer.*»

Feliz por vê-lo e encontrá-lo de tão boa saúde, desejei-lhe:

«*Que viva ainda cem anos, camarada Stáline!*»

«— *Cem?*», comentou Stáline, sorrindo e piscando levemente os olhos. «*É pouco. Na Geórgia temos velhos com 145 anos que estão aí para o que der e vier.*»

«— *Eu disse “ainda cem anos”, camarada Stáline. É um voto do nosso povo que viva mais cem anos!*»

«— *Tak kharachó!*»,⁵ disse a brincar. «*Assim estamos de acordo*». Rimo-nos.

O encontro, em que participámos apenas Stáline e eu (além do nosso intérprete Sterio Gjokoreci), teve lugar ao ar livre, na varanda. Eram nove horas da noite, hora de Moscovo. Stáline trazia boné e vestia um fato de lã castanho e um lenço da mesma cor.

Antes de me sentar, tirei o chapéu, por uma questão de respeito, e pendurei-o num cabide, mas ele disse-me:

«*Não o tire, deixe lá estar o chapéu.*»

Protestei, mas ele insistiu para eu não apanhar frio, pois estava húmido, e pediu ao impedido que mo trouxesse.

No decurso deste encontro inesquecível, discuti com o camarada Stáline uma série de problemas.

Expus-lhe entre outras coisas, os nossos pontos de vista relativamente às atitudes erradas e às acusações injustas levantadas contra nós pelos dirigentes do Partido Comunista da Grécia. Disse-lhe ainda que o Comité Central do nosso partido sempre manteve estreitas relações com o Comité Central do Partido Comunista da Grécia, que o nosso partido e o nosso povo sempre apoiaram abertamente a justa e heróica luta do povo grego pela liberdade e pela democracia, contra a intervenção estrangeira anglo-americana. Em virtude das estreitas relações que tínhamos com os camaradas gregos pudemos constatar, nomeadamente em 1949, diversos erros e lacunas cometidos pela direcção do Partido Comunista da Grécia; sem subterfúgios, com amizade e dentro dum espírito são, internacionalista, demos-lhes a conhecer a nossa posição acerca desses erros e tornámos a fazê-lo mais tarde, depois dos golpes sofridos pelas forças democráticas gregas em Vitsi e Gramos.⁶ Mais um a vez, os

⁵ Em russo: «Assim está bem!»

⁶ Gramos é uma serra no Noroeste da Grécia, que faz fronteira com a Albânia. A montanha faz parte da cordilheira Pindo, cujos picos atingem uma altitude superior a 2600 metros. Vitsi é um antigo município na região grega da Macedónia Ocidental, hoje integrado no município de Castória, que recebeu o nome da serra homónima que, tal como Gramos, serviu de base ao exército democrático grego. (N. Ed.)

camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia não reconheceram o fundamento das nossas observações amigáveis e, o que é mais grave, considerando-se ofendidos, enviaram-nos uma carta subscrita pelo seu Bureau Político, onde chegam a classificar os nossos dirigentes de trotskistas e titistas pela opinião que expressámos relativamente ao rumo imprimido à luta pelos dirigentes gregos.

«O nosso Bureau Político», disse eu ao camarada Stáline, «*analisou a carta do Comité Central do Partido Comunista da Grécia, assinada por Niko Zachariadis, e chegou à conclusão que o grupo de Zachariadis, com as suas análises e tomadas de posição erradas, não contente por ter atentado gravemente contra a nova linha adoptada pelo Partido Comunista da Grécia no fim da II Grande Guerra, procura agora lançar sobre outros a responsabilidade das suas derrotas e da sabotagem que ele próprio fez a essa linha.*»

«Quando é que conheceu Zachariadis?» — perguntou-me Stáline.

Depois de lhe ter respondido, fez a seguinte observação:

«O camarada Zachariadis não disse nada aos nossos camaradas contra os albaneses»; abriu então uma carta do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia dirigida ao Bureau Político do PTA e lançou-lhe uma vista de olhos. Depois, olhando para mim, acrescentou:

«*Não vejo aqui as acusações a que vos referis, leio unicamente que eles vos acusam de lhes terem causado dificuldades em certas questões técnicas.*»

«— De início», respondi, «*eles acusaram-nos oralmente, depois por escrito numa das suas últimas cartas. Enviámos-vos uma cópia dessa carta e outra da resposta que lhes demos, por intermédio do vosso embaixador Tchuvakine.*»

Como não tinha lido essas cartas, Stáline perguntou quando tinham sido enviadas e deu ordem para as procurarem. Trouxeram-nas pouco depois. Leu-as e disse-me: «*Estava a descansar uns dias e por isso ainda não tinha visto estes documentos. Mas li todas as vossas outras cartas. Os gregos*», acrescentou passado um instante, «*pediram para falar convosco e debater estas questões.*»

«— No que respeita às observações e críticas que fizemos aos camaradas gregos», disse ao camarada Stáline, «*tivemos sempre intenções sinceras e amigáveis, e consideramo-las como um dever internacionalista, sejam ou não os nossos juízos do agrado dos camaradas gregos. Temo-nos esforçado por solucionar esses problemas amigavelmente e num espírito comunista são, enquanto eles, em vez de mostrarem igual compreensão, chegam ao ponto de nos acusarem, atribuindo a outros a responsabilidade dos seus erros. Tais pontos de vista e tomadas de posição são inaceitáveis para nós e, quando se trata de assuntos do nosso partido, do nosso povo e da nossa pátria, o camarada Zachariadis deve lembrar-se que somos tão responsáveis perante o nosso partido e o nosso povo, quanto ele o é perante os seus.*»

Stáline escutava atentamente; perguntou então:

«*Ainda há na Albânia democratas gregos a quem tenham concedido asilo? Que pensam fazer com eles futuramente?*»

Em resposta expus detalhadamente a nossa posição ao camarada Stáline. Entre outras coisas, disse-lhe que há muito que os imperialistas, os monarca-fascistas e a reacção nos acusam, caluniosamente e com objectivos bem determinados, de sermos «*culpados do que aconteceu na Grécia*», ou seja, de termos intervindo nos as-

suntos internos da Grécia, fazendo-nos igualmente outras acusações do mesmo género. «*Mas toda a gente sabe*», disse, «*que não interviemos nem nunca interviremos nos assuntos internos da Grécia.*»

«*Quanto ao apoio que temos dado à luta do povo grego, trata-se não só de um direito legítimo, mas de um dever de todos os povos face à justa luta de um povo irmão. Como somos vizinhos da Grécia, muitos homens, mulheres e crianças gregas, inocentes, mutilados, aterrorizados e ferozmente perseguidos pelos monarcos-fascistas atravessaram a nossa fronteira e refugiaram-se no nosso país. Adoptámos para com todos uma posição justa e solícita: demos-lhes ajuda e alojamento, juntámo-los em locais distantes da fronteira grega.*»

No seguimento da minha exposição sobre este assunto, referi ao camarada Stáline que a vinda desses refugiados nos tinha criado múltiplas e graves dificuldades e que, ao cumprirmos o nosso dever humanitário, tivemos o cuidado de evitar que a presença de democratas gregos refugiados no nosso país contribuísse para atizar ainda mais a psicose anti-albanesa dos governantes gregos. Por esta razão, sobretudo, pareceu-nos oportuno o pedido do camarada Zachariadis e dos próprios refugiados no sentido de abandonarem a Albânia e procurarem refúgio noutros países. «*Actualmente, e no seguimento das injustas posições contra nós tomadas e das acusações que nos dirigem os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia, o nosso Bureau Político é de opinião de que a partida do reduzido número de refugiados gregos que ainda permanecem no nosso país é algo que se impõe ainda com mais urgência.*» Frisei que deviam deixar o nosso país não só os combatentes democratas, mas também os dirigentes gregos que recentemente tinham encontrado asilo na Albânia.

Continuando a expor os nossos pontos de vista sobre o problema grego, falei ao camarada Stáline de alguns outros erros dos camaradas gregos, como sejam a subestimação da guerra de guerrilha – guerra prolongada e alargada a todo o país – e o facto de se basearem apenas na «*guerra frontal*» com um «*exército regular*», ou ainda o de terem suprimido o papel do comissário político nas unidades guerrilheiras, etc. «*O papel dirigente dos comissários no exército democrático grego*», expliquei ao camarada Stáline, «*foi apagado, deixado para segundo plano e até mesmo completamente eliminado sob a pressão das concepções pequeno-burguesas dos comandantes militares de carreira, que não suportavam a presença de homens de confiança do partido. Estes erros e outros fazem-nos pensar que a confusão, o oportunismo e a falsa modéstia reinam na direcção do Partido Comunista da Grécia e que foi esquecido o papel dirigente do partido.*»

Depois de me ouvir atentamente, o camarada Stáline disse entre outras coisas:

«*Também nós subscrevemos o pedido de Zachariadis sobre a partida da Albânia dos democratas gregos refugiados e estamos empenhados em que consigam chegar aos locais que escolheram. Fizemo-lo porque se tratava de uma atitude humanitária. Para nós próprios o auxílio a prestar a essas pessoas representava um peso, mas era preciso que fossem para qualquer lado, pois não podiam ficar num país fronteiriço da Grécia.*

«*Parece-me justa a atitude que adoptaram face aos combatentes democratas que atravessaram a vossa fronteira*», acrescentou o camarada Stáline. Quanto às armas que ficaram na Albânia, acho que mereceis guardá-las para vós.

«Os dirigentes do Partido Comunista da Grécia, ao que parece», prosseguiu Stáline, «não avaliaram bem as situações, subestimaram as forças do inimigo acreditando que tinham de se haver apenas com Tsaldaris e não com os ingleses e americanos. No que se refere à última retirada, há quem pense que não deviam tê-la feito, mas, na minha opinião, dada a forma como evoluíram os acontecimentos, os combatentes democratas tinham absolutamente que retirar, uma vez que estavam condenados ao extermínio.»

«Quanto às outras questões, os camaradas gregos estão errados. Não podiam levar a cabo uma guerra frontal com um exército regular porque não dispunham nem de um exército à altura desse tipo de combates, nem de um território suficientemente vasto para semelhante dispositivo. Sobrestimaram as suas forças e possibilidades e agiram sempre às claras, o que permitiu ao inimigo descobrir todas as suas posições e arsenais.

«Seja como for, penso que deveis entender-vos com os camaradas gregos. É a minha opinião. As acusações que vos fazem, de que teríeis adoptado atitudes “trotskistas” e “titistas” para com eles, não têm fundamento.»

Mais tarde, Stáline perguntou-me onde e quando pensávamos reunir com os camaradas gregos para esclarecer as divergências de princípio que entre nós tinham surgido.

«Estamos dispostos a reunir quando o julgar oportuno», respondi, «talvez mesmo em Janeiro próximo, em Moscovo.»

Nesta entrevista com o camarada Stáline falámos ainda da grave situação existente no Partido Comunista da Jugoslávia após a traição de Tito, da política antimarxista, nacionalista e chauvinista que a clique titista seguia em relação à Albânia e aos outros países de democracia popular. Referi em particular a situação da população albanesa no Kosovo e nas outras regiões da Jugoslávia.

«Desde o início da luta antifascista até à libertação, e sobretudo a partir daí», disse ao camarada Stáline, «a linha do Partido Comunista da Jugoslávia relativamente ao Kosovo e às outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses tem sido baseada em posições chauvinistas e nacionalistas. Se o Partido Comunista da Jugoslávia se tivesse mantido em posições marxistas-leninistas firmes, teria dado particular importância, mesmo durante a luta antifascista de libertação nacional, ao problema da população albanesa da Jugoslávia, uma vez que representa uma minoria numerosa que vive junto à fronteira com a Albânia. Nos primeiros anos da luta, considerámos que a questão do futuro do Kosovo e das outras regiões albanesas da Jugoslávia não devia ser levantada durante a guerra. Cabia aos albaneses do Kosovo e das outras regiões albanesas lutar contra o fascismo no quadro da Jugoslávia, e este problema deveria ser resolvido pelos dois partidos irmãos, pelos regimes democrático-populares instaurados nos dois países e pela própria população albanesa da região.

«O fundamental era que os albaneses do Kosovo e das outras regiões da Jugoslávia estivessem seguros e certos de que, ao combaterem o fascismo lado a lado com os povos da Jugoslávia, seriam livres depois da vitória e que lhes seriam dadas todas as possibilidades de decidirem eles próprios do seu futuro, de se reunirem à Albânia ou de permanecerem na Jugoslávia gozando de um estatuto particular.

«Uma política justa neste campo e de acordo com os princípios teria levado a população albanesa do Kosovo e das outras regiões a mobilizar todas as suas forças para a grande luta antifascista, mau grado a reacção feroz e a propaganda demagógica dos fascistas. Logo no início da guerra, expressámos aos dirigentes jugoslavos a opinião de que deviam mobilizar a população albanesa num espírito patriota, permitir-lhe que conservasse a bandeira albanesa junto da bandeira jugoslava, encarar uma maior participação de albaneses no novo poder a criar no decorrer da luta, apoiar e desenvolver simultaneamente no seio dos albaneses o sentimento de amor profundo pela sua pátria, a Albânia, e o sentimento de solidariedade com a justa a luta dos povos da Jugoslávia, criar e reforçar uma estreita colaboração dos destacamentos albaneses do Kosovo com a luta de libertação nacional do nosso país, deixando todavia claro que esses destacamentos ficariam sob as ordens do Estado-Maior General do Exército de Libertação Nacional da Jugoslávia, etc. Mas», acrescentei, «a vida mostrou que estes pedidos, perfeitamente justificáveis e exigíveis, não eram do agrado da direcção jugoslava, que se mostrou pouco clara nas suas declarações de princípio, chegando Tito a acusar-nos, a nós e aos camaradas jugoslavos que achavam justos os nossos pedidos, de “desvio nacionalista”.

«A política chauvinista e nacionalista da direcção jugoslava, no Kosovo e nas regiões habitadas por albaneses, intensificou-se ainda mais depois da guerra, a despeito da demagogia da clique de Tito-Rankovic e da adopção inicial de certas medidas parciais como a abertura de algumas escolas albanesas.

«Mesmo assim, nos primeiros anos que se seguiram à guerra, considerávamos ainda o Partido Comunista da Jugoslávia como um partido irmão e tínhamos esperança de que a questão do Kosovo e das outras regiões albanesas encontrasse oportunamente uma justa solução.

«Pensámos que chegara esse momento quando da assinatura do tratado⁷ com a Jugoslávia, e coloquei a questão a Tito. Ele quis saber a minha opinião sobre o problema do Kosovo e eu respondi-lhe: “O Kosovo e as outras regiões albanesas na Jugoslávia são território albanês que as grandes potências roubaram à Albânia injustamente; pertencem à Albânia e devem ser-lhe restituídos. Agora que os nossos dois países são socialistas, estão criadas as condições para resolver este problema numa forma justa”. Tito replicou: “Concordo e também é esse o nosso desejo, mas de momento não podemos fazer nada porque os sérvios não compreenderiam.” “Se não compreendem hoje”, retorqui-lhe, “é preciso que o compreendam amanhã”.»

O camarada Stáline perguntou-me então quando conhecera Tito e os outros dirigentes jugoslavos. Disse-lhe que os tinha conhecido depois da guerra, em 1946, quando me desloquei pela primeira vez a Belgrado, e continuei:

«O problema do Kosovo e da população albanesa residente noutras regiões da Jugoslávia, bem como a resolução desta questão, são assuntos que o próprio povo do Kosovo e das outras regiões deve decidir. Pela nossa parte, e sem nos intromet-

⁷ Trata-se do Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua entre a República Popular da Albânia e a República Federativa Popular da Jugoslávia, assinado em Julho de 1946.

termos nos assuntos internos da Jugoslávia, jamais deixaremos de apoiar os direitos dos nossos irmãos de sangue que vivem na Jugoslávia e elevaremos a voz condenando o terror e a política de extermínio que a clique de Tito-Rankovic pratica contra eles.» Disse ainda ao camarada Stáline que lhe tínhamos escrito uma carta sobre este assunto.

«*Li a vossa carta*», respondeu o camarada Stáline. «*Concordo convosco. O próprio povo do Kosovo deve decidir e decidirá do seu futuro.*»

«*Tito*», prosseguiu Stáline, «*além da política antimarxista que seguiu no Kosovo, quis anexar a própria Albânia. Isso ficou claro quando procurou enviar as suas divisões para a Albânia. Opusemo-nos a essa acção. Sabíamos, tal como vós o sabeis, que as tropas jugoslavas seriam enviadas para ajudar Koçi Xoxe a destruir a Albânia livre e o Governo albanês.*»

«— *Tito*», observei, «*aproveitou-se do facto de, nessa altura, a Grécia realizar constantemente provocações nas nossas fronteiras para nos convencer de que devíamos esperar “um ataque de envergadura por parte da Grécia”, que “o ataque estava próximo” e que “seria um perigo para a Albânia”, etc. Depois, de conluio com Koçi Xoxe e seus acólitos com quem tinha ligações secretas, Tito propôs-nos enviar tropas suas para a Albânia, mais concretamente para Korçë e Gjirokastër, para “nos defender do ataque grego”. Rejeitámos firmemente essa proposta e pusemos-vos imediatamente ao corrente. Estávamos convencidos de que, ao enviar-nos divisões supostamente em nosso socorro, Tito visava ocupar a Albânia, e essa foi também a vossa opinião.*»

Com um sorriso onde transparecia simultaneamente a irritação e uma profunda ironia, Stáline comentou:

«*E agora Tito acusa-nos, a nós soviéticos, de ingerência nos assuntos internos da Jugoslávia, de querermos atacá-la! Não, nunca quisemos fazer semelhante coisa e nem sequer o sonhamos, porque somos marxistas-leninistas, somos um país socialista e não podemos pensar nem agir como Tito.*»

«*Creio que também no futuro, e porque somos marxistas-leninistas*», continuou Stáline, «*devemos denunciar as práticas e ideias antimarxistas de Tito e da direcção jugoslava, mas, repito, não devemos, seja a que pretexto for, interferir nos seus assuntos internos. Isso não seria marxista. Essa questão cabe aos comunistas e o povo jugoslavo avaliá-la; são eles que devem resolver os problemas do presente e do futuro do país. É neste quadro que encaro também o problema do Kosovo e da restante população albanesa residente na Jugoslávia. Não devemos dar ao inimigo titista o mínimo pretexto para nos acusar de pretendemos desmantelar a Federação jugoslava. Este aspecto da questão é delicado e torna-se necessário agir com cautela, pois ao clamar que “querem desmembrar a Jugoslávia”, Tito não só congrega a reacção, como procura atrair para o seu lado alguns elementos patriotas.*»

«*No que diz respeito à Albânia*», prosseguiu o camarada Stáline, «*a sua situação foi definida do ponto de vista internacional pela conferência dos ministros dos Estrangeiros dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética. Conheceis as declarações de Hull, Eden e Molotov a esse respeito. Faz-se para aí muito barulho acerca dum eventual ataque à Albânia por parte da Jugoslávia, da Grécia, etc., mas isso não é tarefa fácil, nem para eles nem para qualquer outro inimigo.*» E o camarada Stáline perguntou:

«Os gregos continuam com provocações na vossa fronteira?»

«— Depois das lições que lhes demos sobretudo neste Verão», respondi, «acabaram com os ataques armados mas, de qualquer modo, nós não abrandamos nunca a nossa vigilância e mantemo-nos em permanente estado de alerta.»

«— Tsaldaris», prosseguiu o camarada Stáline, «está muito ocupado com os seus problemas internos; não tem tempo para montar provocações, pois os monarco-fascistas guerreiam-se entre si. Penso que os anglo-americanos também não poderão atacar-vos do exterior, esforçar-se-ão sim por vos criar problemas internamente, organizando revoltas e movimentos subversivos, infiltrando agentes e terroristas para assassinar os dirigentes albaneses, etc. Os inimigos tentarão criar problemas e conflitos no interior da Albânia, mas se a Albânia for forte internamente nada terá a temer do exterior. Isto é essencial. Se a Albânia seguir uma política esclarecida e de princípios nada tem a recear.

«Quanto aos documentos dos três ministros dos Negócios Estrangeiros», disse o camarada Stáline, «deveis tê-los presentes e lembrá-los aos “amigos” quando for caso disso.»

«Mas deveis reforçar continuamente a vossa situação interna em todos os domínios e consolidá-la incessantemente. Isto é o essencial», insistiu antes de me perguntar:

«Dispõem de forças de defesa dependentes do Ministério do Interior para golpear os bandos contra-revolucionários e as conspirações da reacção interna?»

«— Sim», respondi. «Essas forças, compostas por filhos do povo, fizeram um bom trabalho, principalmente nos primeiros anos após a libertação, limpando o país dos bandos criminosos, dos inimigos escondidos nas montanhas e dos agentes subversivos vindos do estrangeiro. Em estreita ligação com o povo, as nossas forças militares cumprem com crescente eficácia as suas missões; o partido e o Estado têm tido o cuidado de as preparar e equipar o melhor possível.»

«— Devem manter essas forças sempre preparadas para ajustar contas com os grupos contra-revolucionários e com os bandidos que eventualmente apareçam», aconselhou o camarada Stáline e perguntou:

«Tito denunciou o tratado de amizade com a Albânia?»

«— Sim», disse eu. «E fê-lo de uma maneira que lhe é peculiar. Em 2 de Novembro deste ano, os dirigentes jugoslavos mandaram-nos uma carta oficial cheia de calúnias e acusações falsas, intimando-nos a abandonar o nosso caminho e a aderirmos à sua linha de traição. No dia 12, mesmo sem aguardarem resposta à primeira carta, mandaram-nos outra a denunciar o tratado.»

«Apesar de tudo, respondemos às duas como mereciam e continuamos a viver muito bem sem o seu tratado de amizade.»

Este encontro decorreu numa atmosfera calorosa, cordial e muito íntima. Após esta conversa a sós, entrámos para jantar. Antes, pendurámos os casacos e os chapéus numa espécie de vestíbulo. A casa de jantar tinha uma grande mesa e as paredes estavam forradas até meia altura de painéis de madeira; à volta da sala estavam dispostos vários aparadores com os pratos e as bebidas. Jantaram connosco dois generais soviéticos: um era o impedido de Stáline e o outro era o meu acompanhante. Stáline gracejava, fazia-nos perguntas e brincava connosco a propósito dos pratos. O desenrolar do jantar foi muito original. Ninguém vinha servir. Uma jovem

trazia os pratos tapados e colocava-os na mesa, saindo em seguida. Stáline levantou-se, trinchou o frango, voltou ao seu lugar e gracejou:

«*Então sirva-se*», disse-me. «*Está à espera que o venham servir? Tem os pratos à sua frente. Sirva-se senão fica sem comer.*»

Ria-se com um riso claro, comunicativo, que nos alegrava. De vez em quando pegava no copo e fazia uma saúde. A certa altura, o seu general às ordens, vendo que Stáline ia mudar de vinho, aconselhou-o a não fazer misturas. Pelos vistos estava encarregue de vigiar o regime de Stáline. Este riu-se e disse-lhe que não tinha importância. Como o general insistisse, Stáline retorquiu-lhe meio a sério, meio a brincar:

«*Não nos aborreças, já pareces o Tito!*» E riu-se para mim. Todos nos rimos.

À sobremesa mostrou-me um fruto que tinha na mão e perguntou-me: «*Já alguma vez comeu destes frutos?*» — «*Não*», disse eu, «*nunca tinha visto nenhum, como se comem?*» Ele disse-me o nome, era um fruto da Índia ou tropical, e descascou um que me deu. «*Prove este*», disse, «*tenho as mãos lavadas*». Lembrei-me da simpática tradição do nosso povo que, enquanto conversa, vai descascando uma maçã que depois oferece ao seu hóspede.

Neste encontro inesquecível com o camarada Stáline, tanto na conversa que tivemos na varanda como durante o jantar, falámos amigavelmente dos problemas do desenvolvimento económico, social e cultural do nosso país.

Tal como nos encontros anteriores, Stáline interessou-se muito pelo desenvolvimento global da nova Albânia e deu-me uma série de conselhos que têm sido muito úteis para o nosso trabalho.

Descrevi-lhe em traços largos a nossa situação, falei-lhe dos sucessos obtidos na realização dos nossos planos, da grande mobilização popular e também de uma série de dificuldades e insuficiências detectadas e que nos esforçávamos por ultrapassar.

«*Além das imperfeições do nosso trabalho*», disse ao camarada Stáline, «*a sabotagem sistemática da nossa economia pelos jugoslavos criou-nos também grandes dificuldades na realização dos planos no sector da indústria e noutros. Actualmente fazemos grandes esforços para eliminar os efeitos dessa sabotagem e dedicamos particular importância ao sector socialista da indústria que, apesar de existir há pouco tempo, abre grandes perspectivas ao nosso país. A par da construção de novos equipamentos, os recursos mineiros constituem um vasto e rico campo de exploração. O nosso subsolo encerra recursos minerais ainda por explorar. O grupo de cientistas e geólogos que o governo soviético nos enviará este ano, fornecer-nos-á novas indicações sobre os locais onde existem essas riquezas e quais as suas dimensões. Por outro lado, começámos a explorar jazidas de petróleo, cromo, cobre e outros. De acordo com os dados dos especialistas existem no nosso país grandes quantidades de petróleo, de cobre e de cromo, além de gás natural. Graças à nossa luta e aos nossos esforços, à mobilização de todas as nossas forças e de todos os meios e créditos que o governo soviético pôs à nossa disposição, aperfeiçoámos a exploração dessas preciosas matérias-primas. Mas sabemos que são necessários grandes investimentos para elevar ao máximo a extracção desses produtos. Neste momento é-nos impossível fazê-lo com as nossas forças e com os meios de que dispomos. Utilizámos a maior parte dos créditos concedidos pelo Governo soviético e pelas democracias populares para melhorar as explora-*

ções já iniciadas. No entanto, não conseguimos explorar como desejávamos as riquezas já conhecidas, como o crómio, o cobre e o petróleo, e não conseguimos aumentar o número dessas explorações nem desenvolver a ritmos rápidos os outros ramos da indústria.

«O nosso Bureau Político estudou este assunto, que se reveste de grande importância para o futuro do nosso povo, e chegou à conclusão de que, neste momento, não dispomos de meios e condições internas para levar a cabo sozinho essa tarefa. Gostaríamos de saber se acha oportuna a criação de sociedades mistas albanosoviéticas na indústria do petróleo, do cobre e do crómio. Podíamos colocar essa questão ao Conselho de Assistência Mútua Económica mas, antes de o fazermos, desejávamos conhecer a sua opinião.»

Stáline, após ter manifestado a sua satisfação pelos nossos sucessos no desenvolvimento económico do país, disse-me que não concordava com a criação de sociedades mistas albanosoviéticas e explicou-me que alguns passos dados anteriormente nesse sentido com alguns países de democracia popular tinham sido considerados errados e foram anulados. E acrescentou:

«Continuaremos a ajudar-vos e fornecer-vos-emos tudo o que necessitarem em quantidades maiores do que até agora. Estamos em condições de vos auxiliar mais porque o nosso plano quinquenal está a ser cumprido de modo satisfatório.»

Agradei ao camarada Stáline as ajudas concedidas e também as que o seriam no futuro.

«Agradeçam-me quando as receberem» — disse rindo, e depois perguntou-me:

«Os vossos comboios trabalham a diesel ou a carvão?»

«— A maior parte a carvão, mas os novos modelos que recebemos já são a diesel», respondi.

«— Sois vós que refinais o vosso petróleo? Como estão nesse campo?» — perguntou em seguida.

«— Estamos a construir uma refinaria nova com equipamentos soviéticos», respondi-lhe. «No próximo ano já instalaremos as máquinas».

«— E têm carvão?»

«— Sim, temos», disse eu, «e os estudos geológicos revelam boas perspectivas nesse campo.»

«— Deveis esforçar-vos por localizar e extrair o máximo possível», aconselhou o camarada Stáline. «É um produto muito usado na indústria e na economia no seu conjunto, deveis portanto dedicar-lhe toda a atenção, pois a falta de carvão criar-vos-á dificuldades.»

Como nos encontros anteriores, o camarada Stáline mostrou um interesse particular pela situação do nosso campesinato, pelo desenvolvimento da nossa agricultura e pela política do nosso partido neste importante domínio. Indagou acerca da nossa situação quanto aos cereais e às sementes que usávamos para os cereais panificáveis.

Respondi-lhe que nos tínhamos esforçado por aumentar de ano para ano a produção cerealífera, que era um problema vital, e que tínhamos obtido uma série de êxitos neste domínio, mas que ainda havia muito a fazer para assegurar o pão do povo.

«O vosso governo», disse entre outras coisas o camarada Stáline, «*deve esforçar-se por desenvolver a agricultura e ajudar os camponeses, para que estes vejam no concreto que o governo se interessa por eles e pela melhoria contínua das suas condições de vida.*» Depois perguntou:

«*Têm um clima favorável para a agricultura, não é?*»

«— *Sim*», respondi, «*temos um bom clima.*»

«— *Bem sei, bem sei*», reforçou ele, «*na vossa terra tudo cresce. O importante é escolher correctamente o que semear. Devem escolher boas sementes*», aconselhou, «*e podem contar connosco para isso. Vão precisar de preparar numerosos agrónomos, pois a Albânia é um país agrícola e a agricultura não progride sem trabalho e sem profundos conhecimentos científicos. Enviem um agrónomo à URSS para escolher sementes.*»

Depois perguntou-me:

«*Como está a vossa cultura de algodão? Os vossos camponeses gostam de o plantar?*»

Respondi ao camarada Stáline que no nosso país não havia qualquer tradição dessa cultura, mas que agora todos os anos aumentávamos a área cultivada com algodão. «*É indispensável*», acrescentei, «*pois além de mais o complexo têxtil que estamos a construir terá por base o nosso algodão.*»

«*Devem levar os vossos camponeses a produzi-lo, comprando-lhes o algodão a bom preço*», aconselhou Stáline. «*Enquanto a ideologia socialista não estiver enraizada na sua consciência, os camponeses nada vos darão com facilidade e terão sobretudo em vista o seu próprio interesse.*»

No seguimento da entrevista perguntou-me:

«*Têm terras por cultivar?*»

«— *Sim, tanto nas colinas e nas montanhas como nas planícies. Os pântanos, em particular, afectavam fortemente a nossa agricultura e a saúde do nosso povo.*»

Acrescentei que, desde a instauração do poder popular, levávamos a cabo com sucesso um extenso trabalho de secagem dos pântanos; mas os nossos planos nesta frente eram vastos e estávamos a realizá-los gradualmente.

«*Os camponeses*», observou Stáline, «*não devem deixar um palmo de terra por cultivar. É preciso convencê-los a aumentar a superfície cultivada.*»

«*Para combater os efeitos insalubres dos pântanos e acabar com a malária*, aconselhou ele, «*devem plantar eucaliptos. É uma árvore que tem várias vantagens e que cresce em vários terrenos e climas. Tem a propriedade de afastar os mosquitos, cresce rapidamente e absorve a água dos terrenos pantanosos.*»

Durante o jantar Stáline quis conhecer as impressões dos camponeses albaneses que tinham visitado a União Soviética.

Disse-lhe que tinham regressado à Albânia com excelentes e inesquecíveis impressões.

«*Nos encontros com os camaradas, com os vizinhos e com o povo, expressaram a sua profunda admiração por tudo o que viram na União Soviética, pelos vossos êxitos em todos os domínios e em particular no desenvolvimento da agricultura soviética*». Contei-lhe que um dos camponeses que tinha estado na União Soviética tinha feito grandes elogios à amostra de milho que levava da Geórgia.

O camarada Stáline ficou muito contente e contou este caso a alguns camaradas soviéticos que me vieram visitar no dia seguinte. Stáline recomendou-lhes que me trouxessem alguns sacos de milho da Geórgia para semente. Também nesse dia, de acordo com as suas instruções, entregaram-me sementes de eucalipto.

Durante este encontro, o camarada Stáline, como sempre, falava suave e pausadamente, colocava perguntas e escutava com muita atenção, expressava as suas ideias, dava conselhos, mas sempre com um espírito amigável.

«*Não há receitas para agir nesta ou naquela situação, nem para resolver este ou aquele problema*», repetia ele frequentemente, a propósito das questões que eu levantava.

No decurso da entrevista com Stáline, falei sobre a atitude do clero na Albânia, principalmente do clero católico, das nossas relações com este e perguntei-lhe o que achava da nossa atitude.

«*O Vaticano*», disse o camarada Stáline, «*é um centro da reacção, um instrumento ao serviço do capital e da reacção mundial, que apoiam esta organização internacional de subversão e espionagem. É uma realidade que muitos padres católicos e missionários do Vaticano são espíões reconhecidos à escala mundial. O imperialismo serve-se deles para realizar os seus desígnios.*» Depois contou-me o que se tinha passado em Ialta com Roosevelt e outros, na presença do representante da igreja católica americana.

Quando estava a falar com Roosevelt, Churchill, etc., sobre os problemas da guerra anti-hitleriana, estes disseram-lhe:

«*Acabemos com os ataques ao papa: Por que razão persiste em atacá-lo?*»

«*Não tenho nada contra ele*» — respondeu Stáline.

«*Então façamos dele um aliado*», responderam, «*juntemo-lo à coligação dos grandes aliados*».

«*De acordo*», respondeu Stáline, «*mas a aliança antifascista é uma aliança que tem por objectivo destruir o fascismo e o nazismo. Esta luta, como os senhores sabem, faz-se com soldados, canhões, metralhadoras, tanques, aviões. Se o papa ou vós me disserem que exército, que canhões, que metralhadoras, que tanques e que outro material ele dispõe para combater, então que seja nosso aliado. Mas não queremos como aliado quem só tem homílias e turíbulos.*»

Após o que nunca mais vieram falar do papa e do Vaticano.

«*Houve na Albânia padres católicos que tenham traído o povo?*» — perguntou em seguida o camarada Stáline.

«— *Sim*», disse eu. «*Os chefes da igreja católica uniram-se desde logo aos ocupantes estrangeiros nazi-fascistas e puseram-se de corpo e alma ao seu serviço, tendo feito tudo para minar a nossa luta de libertação nacional e perpetuar o domínio estrangeiro.*»

«— *Como agiram em relação a eles?*»

«— *Depois da vitória prendemo-los e julgámo-los. Receberam o que mereciam.*»

«— *Fizeram bem*», comentou, e perguntou:

«— *Houve alguns que tenham tido uma posição justa?*»

«— *Sim, principalmente padres ortodoxos e muçulmanos.*»

«— *E que fizeram deles?*»

«— Trouxemo-los para o nosso lado. Logo desde a primeira Resolução, o nosso partido apelou às massas e também aos padres, para que, em nome da grande causa nacional, se unissem na grande luta pela liberdade e pela independência. Muitos deles juntaram-se a nós, participaram na luta e deram um precioso contributo à libertação da pátria. Após a libertação aderiram à política do partido e participaram no trabalho de reconstrução do país. Sempre respeitámos esses padres e há alguns que são deputados à Assembleia Popular ou que foram promovidos a postos dirigentes do exército. Há mesmo um antigo padre que se ligou tão estreitamente ao movimento de libertação nacional e ao partido que durante a luta compreendeu o erro dos seus dogmas religiosos, abandonou a religião e abraçou a ideologia comunista, e que, pela sua luta, trabalho e convicções, acabou por ser admitido no partido.»

«— Muito bem», disse Stáline. «Que posso acrescentar? Quando se tem consciência de que a religião é o ópio do povo e que o Vaticano é um centro de obscurantismo, de espionagem e de subversão contra a causa dos povos, então sabe-se o caminho a seguir, como vocês souberam.»

«A luta contra os padres que se dedicam à espionagem e à subversão, não deve processar-se apenas no plano religioso», disse Stáline; «deve também estender-se ao plano político. Os padres devem obedecer às leis do Estado, pois essas leis exprimem a vontade da classe operária e do povo trabalhador. Expliquem bem ao povo as leis e a hostilidade dos padres reaccionários a essas leis, para que até mesmo a população crente veja que há padres que, a coberto da religião, conspiram contra a pátria e o povo. Também é preciso que o povo, convencido pelos factos e pelos argumentos, combata ao lado do governo contra os padres inimigos. Deveis condenar e afastar apenas os padres que não obedecem ao governo e que cometem crimes graves contra o Estado. Mas, repito, o povo deve estar consciente dos crimes desses padres para se convencer do logro da ideologia religiosa e dos males que ela traz.»

Lembro-me que à guisa de conclusão deste inesquecível encontro, o camarada Stáline me aconselhou: «Reforcem bem a situação interna; forcem o trabalho político junto das massas.»

Stáline recebeu-me durante cinco horas. Tinha chegado às nove horas da noite e parti às duas da manhã. Quando nos levantámos da mesa, Stáline disse-me:

«Vá vestir o casaco.»

Saí com os dois generais contando voltar à sala de jantar para lhe agradecer a sua hospitalidade e para me despedir. Esperámos um momento e quando olhámos, ele já lá não estava.

Um dos generais disse:

«Deve estar lá fora no jardim.»

Realmente foi lá que o vimos, simples, sorridente, de boné e com o lenço castanho ao pescoço. Acompanhou-nos até ao automóvel. Agradei-lhe.

«Ora essa, de nada», protestou, «amanhã telefone-lhe e voltamos a encontrar-nos. Tem de ficar cá alguns dias para visitar Sukhumi.»

No dia seguinte à noite, 25 de Novembro, esperei impacientemente o toque do telefone, mas infelizmente não tive oportunidade de reencontrar Stáline. A 26, à uma da manhã, Stáline já estava em Sotchi. Despediu-se por intermédio do general

que me acompanhava. No dia 25 de Novembro de 1949 mandei de Sukhumi o seguinte telegrama a Mehmet:

«Acabei ontem. Ajudar-nos-ão em tudo. Concordaram com todos os meus pedidos. Estou bem. Será difícil voltar a tempo das festas. Felicidades. Partirei o mais breve possível.»

A 25 de Novembro visitámos a cidade de Sukhumi, um aglomerado de 60 mil habitantes. Durante a visita fui acompanhado pelo ministro do Interior da República Socialista da Geórgia e por um outro general. Sukhumi é uma cidade, muito bela, limpa e cheia de jardins e parques floridos. Tem muitas árvores tropicais e flores em toda a parte. Agradou-me principalmente um parque maravilhoso que tinha sido arranjado pelos habitantes em apenas 50 dias e que era um pouco maior que o terreno do nosso hotel «Dajti». À noite Sukhumi cintilava com as suas luzes. Os habitantes são simpáticos, sorridentes, alegres e felizes. Não se vê um pedaço de terreno abandonado. Diante dos nossos olhos estendiam-se as plantações de tangerineiras, limoeiros, cidreiras, laranjeiras, vinhas, imensas planícies de trigo, milho, etc. As colinas estavam cultivadas. Pela cidade e arredores erguiam-se grandes eucaliptos.

Fomos visitar um *sovkhos* perto da cidade. As colinas estavam completamente cobertas de tangerineiras, laranjeiras, limoeiros e vinhas. Os ramos das tangerineiras arqueavam com o peso dos frutos. Cada árvore dava 1500 a duas mil tangerinas. «Por vezes não conseguimos colhê-las todas» — disse-nos o director do *sovkhos*. Levaram-nos ao local onde as mulheres embalavam as tangerinas depois de passarem por uma máquina que as separava por tamanhos.

Visitámos também uma velha ponte do século XV, conservada como monumento nacional, e um jardim botânico. Este tinha imensas variedades de árvores, flores e frutos. Visitámos igualmente um jardim climatizado onde havia macacos, entretidos nas suas divertidas habilidades. Disseram-me que Pavlov tinha trabalhado nesse centro durante as suas investigações.

Os georgianos são pessoas extremamente afáveis, acolheram-nos calorosamente.

Dia 26 de Novembro, de manhã, o camarada soviético que me acompanhava veio ter comigo com o jornal *Krásnaia Zvezda* na mão, anunciando-me a minha promoção⁸ por decisão do *Presidium* da Assembleia Popular da RPA.

No dia 27 de Novembro, às 8 da manhã, partimos de avião para Moscovo onde aterrámos após cinco horas e meia de voo. Alguns dias mais tarde regresssei à Albânia.

⁸ Em 21 de Novembro de 1949 o *Presidium* da Assembleia Popular da RPA, por proposta do Conselho de Ministros da RPA e do Bureau Político do CC do PTA, publicou o decreto nos termos do qual o camarada Enver Hoxha era promovido a general do Exército.